

CINE-JORNAL

12/9/36



17 — 10 DE FEVEREIRO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



Ginger ★
★ Rogers

ESTE NÚMERO: GARY COOPER e a sua carreira prodigiosa



Eddie Cantor contempla os retratos de Joyce Lennox, sua parceira em «Strike me pink»



Elisabeth Allan, apaixonada cultora do «tennis»



Robert Taylor e Louise Rainer ensaiam uma nova dança



Steffi Dunno, que vimos no «Cucarachos»

O «CISNE IMORTAL» : ANA PAVLOVA E O CINEMA

VER cinema é, por vezes, reviver. Eis um dos seus encantos. Sobre tudo para quem olha o passado com saúde de acontecimentos a que assistiu como espectador, ou ama os que jamais presenciou como se estivesse presente ao seu desenrolar.

Não sei se os leitores são saudosistas. Embora pecha portuguesa nem a todos, felizmente, ataca. Eu sou-o, confesso. Por isso, foi entusiasmado e surpreso, dominado por um misto de prazer e de melancolia, que vi passar num dos cinemas da capital um pedaço de filme que representava a rainha Vitória de Inglaterra, bisavó de Eduardo VIII, visitando os seus subditos de Dublin.

Dificilmente se poderá avaliar o interesse que me despertou a chegada da soberana entre luzida cavalcada, o beijão aos que dela se aproximavam e o seu acenar, satisfeito, ao povo que a aclamava!

A razão é simples: ate aqui apenas vira a «Grande Viúva» hirta, inerte, numa dessas muitas fotografias que povoam os livros de história. Mais: nunca me passara pela mente que algum dia a teria, ali, a alguns metros, mexendo-se, sorridente.

Maravilhoso invento o cinema! Morrem os principais protagonistas da tragédia da vida, desaparecem para sempre da nossa vista como seres reais, mas resta-nos a suprema consolação de que, se quisermos, os veremos deslizar na tela e escutaremos a sua voz, como se vivos fôssem!

E tudo graças a Lumière e aos que seguiram o glorioso caminho por ele encetado. Que estupenda função a do cinema, na verdade! Exalta-se, porém, torna-se sublime, quando pôsto ao serviço da Arte. É de arte, da dança, que lhes quero falar.

Lembram-se, decerto, de Ana Pavlova, a bailarina genial, cujas exhibições proporcionavam momentos de intenso extase espiritual. Essa maga da dança, cuja morte abriu na coreografia uma lacuna quase insubstituível, amava o cinema. Tinha-o como veículo das suas criações maravilhosas. Considerava-o como um meio transmissor da vibração da sua arte inconfundível.

E, assim, as suas pernas prodígio. Delicadas e finas, as belas mãos impressionantes, de dedos afilados, o seu corpo admirável nascido para a dança, o seu rosto poético, provocante, de olhos grandes, ficaram registados para sempre.

Poderemos contemplar aquele corpo que a crítica de então comparava a instrumento dos mais sensíveis que respondesse às inspirações da dança como diapasão ao menor contacto. Inclusive, ouviremos a sua voz.

É ao marido da artista, Vitor Dandre e, sobretudo, a Mary Pickford e a Douglas Fairbanks, que devemos a transposição para a tela de milagres coreográficos como «Libélula», «Rondino» e a extraordinária «Morle do Cisne», a corça de glória de Ana Pavlova.

Foram aqueles célebres artistas americanos que convenceram a estranha bailarina a comparecer nos seus estúdios e a consentir na filmagem. Encontrava-se ela então de visita a Hollywood.

Espantoso serviço prestado à Arte! É que «O Cisne Imortal» constitui um documento valioso e — porque não? — imortal de Ana Pavlova, embora com os defeitos de filmagem da época.

Será passado ao retardatador, sempre que a bailarina dance, para que o espectador aprecie a sua beleza e graciosidade de movimentos. Desia maneira, aqueles que nasceram demasiado tarde avaliarão quanto a Arte perdeu em Ana Pavlova.

Vê-la-emos também no seu jardim de Ivy House brincando com os cisnes favoritos, dos quais Jack era o preferido. Por sinal, não subsistiu à sua morte.

Se atendermos ainda a uma outra finalidade do filme: a obtenção de fundos para a construção dum monumento à memória de Ana Pavlova, em Londres, no Regent's Park — uma fonte rodeada de figuras de danças — convenhamos que «O cisne imortal» nos deva ser duplamente simpático.

OPERADOR N.º 13

Greta Garbo e a sua lenda

Faz onze anos, em Agosto... Greta Garbo chegou a Hollywood... O produtor Louis B. Mayer gostara de a ver na Lenda de Gosta Berling.

«Mandem vir a garola» disse, ao sair da sala.

— Quanto se lhe oferece? inquiriu o secretário?

— 300 dólares por semana e viagens por nossa conta, claro.

Hoje, quando filma, ganha, apenas, 1.000 vezes mais. A maior emissora da América ofereceu-lhe 50.000 dólares, para film, ao microfone, durante alguns minutos, em dia e hora à sua escolha.

Greta Garbo?! Todos a criticam e contam horrores da sua pessoa. Mas nem por isso deixa de ser uma lenda viva. Mais do que uma atriz, mais do que uma celebridade, mais do que estrêla — uma maga, uma fada em exílio...

UMA BIOGRAFIA POR SEMANA

André Berley

Nasceu em Paris, a 13 de Janeiro de 1890. Mora na rua Bixio, 13. Podem escrever-lhe para essa morada, pois André Berley é dos que nunca deixa de enviar fotos aos admiradores que as solicitam.

Tem 1 metro e 76 de altura e um peso... respeitável. A-pesar-do seu em-

bompoint, é um desportista completo. Pratica o «box», o ciclismo e o remo. É casado, bom marido e bom pai. Inteligente e prático, de regresso a Hollywood, criticou asperamente o cinema francês, o que lhe valeu ficar deztoito meses sem contrato. Mas as suas verdadeiras foram salutareis e fizeram-sensível já, benéficamente, na marca da indústria.

A sua vida — É filho dum alfaiate da «Rive Gauche». Aos cinco anos, travou relações com o filho do porteiro do Odéon. Assim entrou, pela primeira vez, num palco. O gosto do teatro nasceu nele e radicou-se para toda a vida. Foi Vera Sergine quem o entusiasmou a seguir a sua vocação. E em breve conquistou um lugar invejável nos palcos.

No cinema — Estreou-se na Paixão de Joana d'Arc, de Carl Dreyer. Depois, apareceu em Hara-Kiri, de Marie Louise Iribé. Em 1930, a M. G. M. levou-o a Hollywood. Interpretou sete filmes, dos quais O Presídio e Se o Imperador soubesse...; a seguir, para a Paramount, O Café de Felisberto, com Maurice Chevalier. De volta a França, interpreta Tu serás duquesa, La Perle, Boubourche, Le Martyre de l'Obèse, Le Roi Pausole. Volta a Hollywood para filmar A Caravana, A Viúva Alegre e Folies Bergère. Em Paris, novamente, toma parte em Couturier de mon cœur, Juanita e Son Excellence Antonin (o Grande Nicolau).

Esteve recentemente no Tejo, com a caravana que filma Les Mutinés de l'Eseneur.

Fraquezas humanas

Depois de concluir o seu último filme, *Mutiny on the Bounky*, Clark Gable resolveu ir passar alguns dias ao México, para descansar. Para isso, devia tomar o avião, às cinco horas da manhã.

Aconteceu, porém, que, na véspera, Constance Bennett deu, em sua casa, uma das suas famosas festas. Clark Gable, claro não faltou. A festa foi maravilhosa. Alegria e vinho a rodos e tão a rodos que Clark Gable entusiasmou-se, e às 3 horas da manhã o sono invadiu-o e dormiu como um bemaventurado, num dos carros, que se encontrava na «garage».

Dez minutos antes da hora marcada para a partida do trimotor, alguns dos seus amigos, que o queriam acompanhar ao aeródromo, foram dar com ele a dormir, a sono sólo.

Clark Gable foi despertado, então, com um guardanapo encharcado. A princípio, não percebeu a manobra. Mas, lembrando-se da sua partida, saltou para o seu carro e com dez outros, dos seus amigos, largou a toda a velocidade, para o campo.

Chegaram lá com vinte e cinco minutos de atraso. E se não fora a providência de um dos companheiros, que avisara telefonicamente o piloto do avião, estaria já muito longe, quando Clark Gable arribou, combatido ainda dos «narcóticos» que tomara.



Jean Parker, numa «pose» estranha

Quem manda é o público!

A celebridade de uma artista de cinema nem sempre corresponde à sua competência artística ou ao seu valor de boa atriz. A celebridade, aquela celebridade popular, que lhe cria centenas ou milhares de admiradores, nem sempre é ganha à custa do seu talento.

O público é quase sempre quem faz as celebridades da tela — e, quantas vezes, o público aprecia o que é mau! Isto mesmo no-lo dizem as artistas da Sétima Arte quando traçam as suas sugestivas memórias. Por esses relatos, observamos que a sua subida ao trono brilhante da arte do filme foi devida a acasos curiosos ou ao destino, que tão acidentalmente aparece na vida dos artistas.

A crítica, esse factor de que se diz depender o êxito de um filme, não interessa ao artista de cinema.

O público, esse, sim, que é o seu juiz defensor ou de acusação, esse público é que o preocupa, pois dele depende o êxito ou a indiferença, pelo seu trabalho.

Sobre este assunto Jeanette Mac Donald dissertou, em meena coherente. «'Ui muito feliz!» disse a encantadora loira.

«Durante a minha carreira artística tive a sorte de cantar uma série de melodias bellissimas, que em pouco tempo se tornaram populares.

«Tenho sempre muito interesse em saber o que dizem os criticos dos jornais, referente ao meu trabalho apresentado. Porém, o que mais me interessa e entusiasmo é ouvir o rapaz do elevador adobir uma das minhas canções ou então o «chauffeur» do «taxi» que me conduz cantarolá-la.

«Se o público canta alguma das minhas canções, no dia seguinte ao da estreia, estou certa do êxito. Caso contrário, leito-o novamente.

«Na minha opinião, esta é a melhor prova do êxito ou do insucesso de uma produção musicada.»

Jeanette Mac Donald pode vangloriar-se de ter cantado durante a sua carreira cinematográfica muitas canções que gozam de grande popularidade. Destas se destacam, as da Parada do Amor, a valsa da Vívua Alegre e agora as da Princesa Endiabrada, a opereta de Van Dyke, e as de tantos filmes musicais que tem interpretado.

Herbert Stollart, compositor notável e excelente cooperador de Franz Lehár, classificou esta mimetra os cantores: «Os cantores dividem-se em dois grupos numerosos. Os que possuem boa voz e carecem de personalidade e os que têm grande atractivo pessoal e voz mediocre.

«Poucas vezes, no entanto, estas duas qualidades se reinem numa vedela. Dentre as raras, destaca-se Jeanette Mac Donald.

«Há cantores magníficos que nunca chegariam a obter na tela tanto êxito como na ópera ou nos concertos.»

Porém, a bela Jeanette não concorda muito com esta autorizada opinião. E pergunta:

«Achem que a minha simpatia pessoal faria com que o público me desculpasse alguma «fifia»

«Não! Nada como o «veredictum» do público, cantarolando as canções de um filme, na manhã seguinte!»

FERNANDO A. DE SA

A PRIMEIRA PEDRA DA CIDADE DO CINEMA

Às onze horas da manhã, de 29 de Janeiro, Mussolini, em presença de numerosas entidades officiais, lançou a primeira pedra para a Cidade do Cinema que se vai erguer em Roma.

O local escolhido foi a antiga Via Appia e abrangerá cerca de 600.000 metros quadrados.

Segredos de sedução

Têm inveja do formosissimo cabelo de Katharine Hepburn?

Pois bem: não percam tempo no cabeleireiro. Adoptem a sua receita. Esfreguem-no com gema de ovo, e escovem-no, depois de seco, durante dez minutos, com uma escova dura. A receita é infalivel.

Onde costumam pôr o perfume? Atrás das orelhas, nos braços, no colo? Raquel Torres, declara que o sítio ideal, para esse efeito, é os joelhos. Descobriu isso por mero acaso. Um dia, inadvertidamente, entornou um frasco nos joelhos. Desde então, não mais deixou de os perfumar. Lá tem as suas razões. Experimentes.

Vinte sete anos depois

Uma sala especializada de Paris, exhibe actualmente um filme curiosissimo. Trata-se dum grande drama — vinte minutos — realizado em 1909, e que tem Robinne, Alexandre e Signorel, como intérpretes. Este filme colorido caiu nas mãos do director da sala em questão, de forma curiosa.

Foi numa barraca de feira, que, durante as suas férias, Georges Cross, o director do «Studio 28», viu, pela primeira vez, A Virtude Recompensada, assim se chama o drama. Num relance, viu logo o partido que poderia tirar desse filme em Paris.

— Compro-lhe essa cópia, disse ao cigano que, todas as noites, a exhibia pelas aldeias e lugares de França.

— Mas eu não quero vender o meu filme, que agrada sempre aos espectadores.

Após demoradas negociações, o empresário ambulante cedeu o filme em troca de dois novos, isto é: filmados recentemente.

Ambos fizeram bom negócio, o que demonstra a relatividade do valor das coisas.

Os protagonistas são hoje artistas aos mais apreciados e consagrados do Teatro francês. O filme constituiu um êxito. Tanto mais que entre os comparsas se descobriram, entre outras, personalidades hoje célebres: Irene Bordoni, a grande fanteista; Carmen Déraisy, a ponte blanche do Chantecler; e a bailarina espanhola Napierkowska, que esteve em Lisboa, com Chevalier, em 1935.

VETERANA, AOS NOVE ANOS

Edith Fellows, a-pesar-de ter apenas nove anos de idade, actuou já numa infinidade de produções cinematográficas. Desde pequena demonstrou excepcionais qualidades para se exhibir em público e apareceu, por isso, em palcos de muitos teatros.

Edith possui quinze bonecas, uma das quais, segundo diz, tem 63 anos de idade...

Edith Fellows vai-nos ser revelada, em Casou com o Patrio, ao lado de Claudette Colbert.



Eddie Cantor, sua mulher e filhas — uma familia muito ameaçada ultimamente pelos «gangsters»



Gary Cooper e Marlene Dietrich, em «Desire»

«BOZAMBO» ALCANÇA UM PRÊMIO

O Instituto de Cinegrafistas Amadores de Londres conferiu a Bozambo, a medalha de ouro atribuida todos os anos ao melhor filme nacional de 1935.

Chaplin e o sonoro

Está marcado para o dia 11, a estreia em Londres de Tempos Modernos, o antigo filme de Charlot.

Há dois anos que Chaplin empreendeu a realização deste filme. Metade desse tempo foi occupado pelos trabalhos preliminares.

De todas as cenas, há uma só que foi directamente filmada em sonoro. Nas outras, como se sabe usou-se o sistema da sonorização. Com efeito, Charlot mima a velha canção francesa Tilina, que se ouve, embora a ele não a cante.

A filmagem desta cena foi particularmente difficil, sabido é que os estúdios (o assombroso artista não estão equipados para o sonoro. Assim, para evitar o ruido do exterior, que se atenua com um revestimento especial que as paredes não tinham, Chaplin viu-se obrigado a filmar essa cena, de madrugada, quando o trânsito é quasi nulo.

OS MELHORES DO MÊS

Photoplay publica a lista dos melhores filmes do mês (Janeiro). Ei-los:

The Story of Louis Pasteur, com Paul Muni (Warner).

The Bride comes home, com Claudette Colbert (Paramount).

Crime e Castigo, com Peter Lorre (Columbia).

Ah, Wilderness, com Lionel Barrymore (M. G. M.).

I dream too much, com Lily Pons (R. K. O.).

A tale of two cities, com Ronald Colman (M. G. M.).

The Littlest Rebel, com Shirley Temple (20th Century-Fox).

Mary Burus, fugitiva, com Sitvya Sidney (Paramount).

A MEDALHA DE OIRO DE «PHOTOPLAY»

Photoplay prossegue o seu inquérito, a-fim-de saber a que filme deve ser concedida a medalha de ouro que todos os anos atribui ao melhor realizador, no espaço de tempo que vai de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro.

Os resultados devem ser conhecidos dentro em breve. Entretanto, evocamos os resultados dos precedentes mos:

- 1920 — Humoresque.
- 1921 — To Cable David.
- 1922 — Robin Hood (Robin dos Bosques).
- 1923 — The covered wagon.
- 1924 — Abraham Lincoln.
- 1925 — The Big Parade (A Grande Parada).
- 1926 — Beau Geste.
- 1927 — 7th Heaven (A Hora Suprema).
- 1928 — Four Sons (Os Quatro Filhos).
- 1930 — All Quiet on the western front (A oeste, nada de novo).
- 1931 — Cimarron.
- 1932 — Smiling Trough (Um amor que não morre).
- 1933 — Little Women (As Quatro irmãs).
- 1934 — The Barretts of Wimpole Street (As Virgens de Wimpole Street). Quem ganhará este ano o disputado troféu?

CELITA BASTOS

a vedeta brasileira de «Bocage» chegou a Lisboa

A chegada duma vedeta é, dentro da redacção duma revista de cinema, um facto quasi tão importante como a noticia da morte de Jorge V, para os outros jornais.

Horas seguidas planeámos a orientação a dar à reportagem, a maneira mais original de fazer a entrevista, o processo mais seguro de conseguir um retrato... Na quinta-feira, dia em que chegou a vedeta brasileira do «Bocage», não vivi essas horas de nervosismo intenso. Esteve um sol lisboeta, um sol pregão de varina, e abandonei a luz das lâmpadas Osram e fui para a luz sãtia do Rei-Sol, para a luz do Rei da Luz.

Foi a minha sorte, foi a vossa sorte. Junto do Tejo, o azul do rio e o azul do céu discutiam entusiasticamente a superioridade das suas tonalidades.

Deambulei pelos cais e intuitivamente dirigi-me para o local onde de dia atracar o «Monte Pascoal», navio que trouxe Celita Bastos, a vencedora do concurso organizado pelo «Diário Português» para a escolha da vedeta brasileira de «Bocage».

A GUARDA DE HONRA

Por ter chegado cedo proporcionou-se-me ocasião de falar com alguns dos elementos mais representativos do meio cinematográfico.

Porque a guarda de honra de Celita era quasi exclusivamente formada por gente do cinema! E assim, além das concorrentes não premiadas e das cinéfilas que enxameavam o cais, estiveram Mariana Alves e o Paradela, Rosa

Maria, Perpétua, Salazar Diniz, os dirigentes da S. U. S... e, como é de calcular, Leitão de Barros e os colaboradores do filme.

As flores — feias, bonitas e horríveis — andavam de colo para colo. Mas entre esta super-abundância de flores prevalecia e sobressaía Maria Valdez. Passeou quasi sempre de braço dado com Maria Castelar. Vão ser irmãs no filme e, ao que parece, na vida, já são irmãs... pela amizade.

Pouco tempo depois apareceu o Ama-



rante e quasi logo a seguir o Raúl de Carvalho.

RAUL DE CARVALHO AMIGO DE BOCAGE

É que Raúl de Carvalho também entra no próximo filme de Leitão de Barros. Será Bersane, o amigo inseparável de Bocage e irmão de Marcia (Maria Valdez) e de Anália (Maria Castelar).

Mas esta amizade é prejudicada pelas relações amorosas de Bocage com as duas irmãs, relações que chegam a atingir o máximo e por isso obrigam os dois amigos a discutirem violentamente.

É um dos papéis mais importantes do filme.

Como o barco ainda não surgisse à entrada da barra, o fotógrafo tirou a este *quarteto* a fotografia que publicamos, a primeira fotografia dos quatro amigos.

QUEM ESPERA...

Mas a demora prolongava-se. Falou-se de tudo e de nada para iludir o tempo. A certa altura alguém chama paulista a Leitão de Barros. Não se percebe a piada. Ven depois a explicação. Foi Leitão de Barros que descobriu a Maria Paula, a Maria Valdez tem o apelido Paulo e a Celita é de S. Paulo.

Alguns perguntam se já teriam saído da Madeira e o Amarante aconselha Raúl de Carvalho a ir telefonar ao Ro-

Em cima: Celita Bastos, na Alfândega, folheia o nosso revista. A' direita, o sr. Alvaro Lima, gerente da S. U. S.. Na meio: Leitão de Barros cumprimenta o vedeto. Em baixo: No cais, as quatro vedetas do filme aguardam a chegada do «Monte Pascoal». Da esquerda para o direito: Raúl de Carvalho, Maria Valdez, Maria Castelar e Amarante

bles Monteiro para afixar um carluz dizendo que não há espectáculo nessa noite, em virtude da tardia chegada da vedeta brasileira.

EVUCA-SE FRITZ LANG

Leitão de Barros conta coisas de René Clair e Fritz Lang, realizadores com quem privou bastante.

Fritz Lang descreveu o género dos processos que utilizava para avaliar se uma estreada tem ou não talento.

A mulher de Fritz Lang visitou uma escola de raparigas e ficou uma delas: Brigitte Helm. Aconselhou-a a procurar o marido... mas Fritz Lang nunca a recebia.

Brigite resolveu esperá-lo à entrada do estúdio. Às cinco e tal da manhã lá se encontraram. Fritz Lang, desejoso de iniciar os trabalhos, perguntou-lhe áperamente, logo após as primeiras explicações: «Mas você tem talento?». Ao que a protagonista do «Metropolis» respondeu solícita: «Parece-lhe que uma mulher com a minha cara precisa ter talento?»

O realizador do «Matou», *matou* logo que a pretendente a *astro* era uma estréla.

LA' VEM ELA!

Duas horas depois do que esperávamos, apareceu o vapor. Mas ninguém disse: «lá vem ela!» Todos tinham a mesma ideia fixa e, portanto, todos diziam: «lá vem ela!»

Cada um idealizava a vedeta brasileira a seu bel-prazer e mal o barco se aproximou todos procuravam ser os primeiros a descobrir a celebridade.

Uma voz gritou: «Já a vejo! É aquela ao pé da boia».

E Leitão de Barros, serenamente: «Pois olhem, eu não vejo boia!»

Afinal Celita estava no «hall» do navio e só depois da entrada a bordo é que a conseguimos ver.

Os olhos grandes e faceiros, a tez e

os cabelos de crioula dão-lhe carácter e fazem-nos lembrar uma personagem do escritor brasileiro José Alencar. Souberam escolher uma rapariga com as características necessárias.

O PAPEL DE CELITA

Celita vem encarnar a «Canário», uma das muitas brasileiras que por esse tempo infestavam Lisboa. «Canário» é uma vendedeira, uma modestíssima vendedeira de laranjas por quem o Bocage se interessa numa determinada altura da sua agitadíssima vida. E a figura esbelta e donairoza de Celita deve ficar engraçada com o pequeno cabaz da fruta a passear pelas ruas da «Lisboa Antiga», parando aqui e além, enquanto entoa uma *modinha*.

AS APRESENTAÇÕES

Leitão de Barros fez das apresentações protocolares um espectáculo inédito:

«Apresento-lhe Maria Castelar, o prototipo da alfacinha, a lisboeta da Praça das Flores».

«Maria Valdez, tipo estrangeirado, tipo de vampe e a sua mais perigosa rival... nos amores do Bocage».

«Amarante, tipo alfacinha da gema, em que as raparigas se não podem fiar».

«Raúl de Carvalho, tipo... abexim».

A risota foi completa e Celita, muito sorridente e muito simpática, diz que: «Se o Raúl de aCarvalho é abexim ela é *abexinxiníssima*».

CELITA TEM NOIVO

Celita, a propósito de tudo e de nada, fala no noivo.

A certa altura não resistimos à tentação de desvendar este assunto.

Vem noiva... do Bocage. Habitou-se, por brincadeira, a chamar-lhe



Celita Bastos «posa» para a objectiva de «Cine-Jornal»

noivo quando estava na perspectiva de ficar eleita e tôdas as raparigas amigas que se foram despedir a bordo enviavam saudades para o noivo.

Mas Celita, em S. Paulo, nem Celita era. Chamava-se Aracélis Castor Bastos, era professora de piano, aprendia canto e tinha uma predilecção pela praia de José Menino, na cidade de Braz Cubas, onde frequentemente ia nadar. Assim viviam os seus vinte e três anos.

Simplificou o Aracélis — que em guarani quer dizer Altar do Céu — em Celita. Menos significativo mas mais bonito.

Depois de jantar, fomos procurá-la ao Hotel de Inglaterra, para onde partira de automóvel com os dirigentes da casa produtora de «Bocage» e com imensas flores.

NO HOTEL

Pereira Coelho e Matos Sequeira, autores dos diálogos, lá ali se encontravam, assim como Leitão de Barros e Álvaro Lima.

Celita cantou algumas canções brasi-

leiras, entre elas *Mamigá*, que agradou em absoluto.

A sua voz é bem timbrada, meiga e reflecte a psicologia dolente desse país imenso.

Seria nosso desejo ouvi-la cantar muitas coisas, mas depois duma viagem como esta não devíamos abusar.

Quando lhe solicitei uma entrevista, o seu primeiro desejo foi saudar os portugueses por intermédio do «Cine-Jornal». Depois folheou o nosso semanário, ficou entusiasmada com a apresentação e confessou-nos que não sabia que em Portugal existia uma revista «tão admirável».

Após esta série de amabilidades, cheguei a ficar aflito à procura duma palavra para agradecer.

Apareceu-me a primeira pergunta: — Qual é a principal finalidade do cinema?

— Criar uma obra de Arte, pois que possuindo Arte, é uma obra educativa e quasi sempre também instrutiva. Parece-me ser esta a principal função da cinematografia. É claro que a Arte pela

(Conclui na pag. 12)



Leitão de Barros apresenta «Bocage» (Estêvão Amarante), á recém-chegada

Algumas notícias inéditas sobre o novo filme de Leitão de Barros

Crónica da Semana

NO firmamento da cinematografia há astros que desaparecem para sempre: uns voltam à mediocridade donde nunca deveriam ter saído, outros são vítimas dos asares da fortuna.

Quando foi do advento do sonoro deu-se um verdadeiro cataclismo cósmico...

Há, porém, estrelas que sofrem eclipses prolongados, espécie de períodos de incubação, depois de que aparecem de novo mais brilhantes, mais altas.

Que me lembre, conheço dois casos flagrantíssimos: Mirna Loy e Victor Mac Laglen.

Mirna Loy vi-a ainda em estado de «larvas» em «Renegados». Repelindo a graça dum crítico cujo nome agora não me ocorre, ela não ia bem ou mal: não ia, simplesmente.

Passou-se muito tempo, e já em estado de «borboleta» (honnit soit...) tornei a vê-la no «Homem Sombras», ao lado de William Powell. Que diferença! Custava a acreditar que fôsse a mesma.

* * *

Victor Mac Laglen fez uma reaparição mais sensacional ainda. A sua actuação no «Denunciante» é verdadeiramente admirável.

Enquanto seguia o seu estupendo trabalho, tão rico de observação e de pommenor, passou-me em mente o Emil Jannings do «Último dos homens» e, mais próximamente, a interpretação de Charles Boyer na «Traição».

Com efeito, Mac Laglen coloca-se na primeira fila dos grandes actores do cinema só com o desempenho que deu ao papel do «Denunciante».

De resto, o filme está tão bem conduzido, a realização tão certa e o conjunto dos outros intérpretes é de tal modo homogêneo, que Mac Laglen, apesar de tudo, não se destaca demasiadamente, não faz jôgo individual, actua dentro das boas leis do «associa-tivo» cinematográfico...

Terão ido ao São Luiz as pessoas que põem os olhos em alvo quando recordam com saudade os bons tempos do D. Amélia e suspiram ao recordar o Zaconi?

Ou não passa afinal de snobismo essa pretensa insatisfação artística de que dizem sofrer?

* * *

O que não há dúvida é que muita gente não simpatiza com o cinema, o que é admissível, e tem até por êle uma evidente antipatia, o que é já de estranhar, pois o que seria natural era que essas pessoas se mostrassem apenas in-

diferentes perante uma manifestação de arte que nada lhes diz.

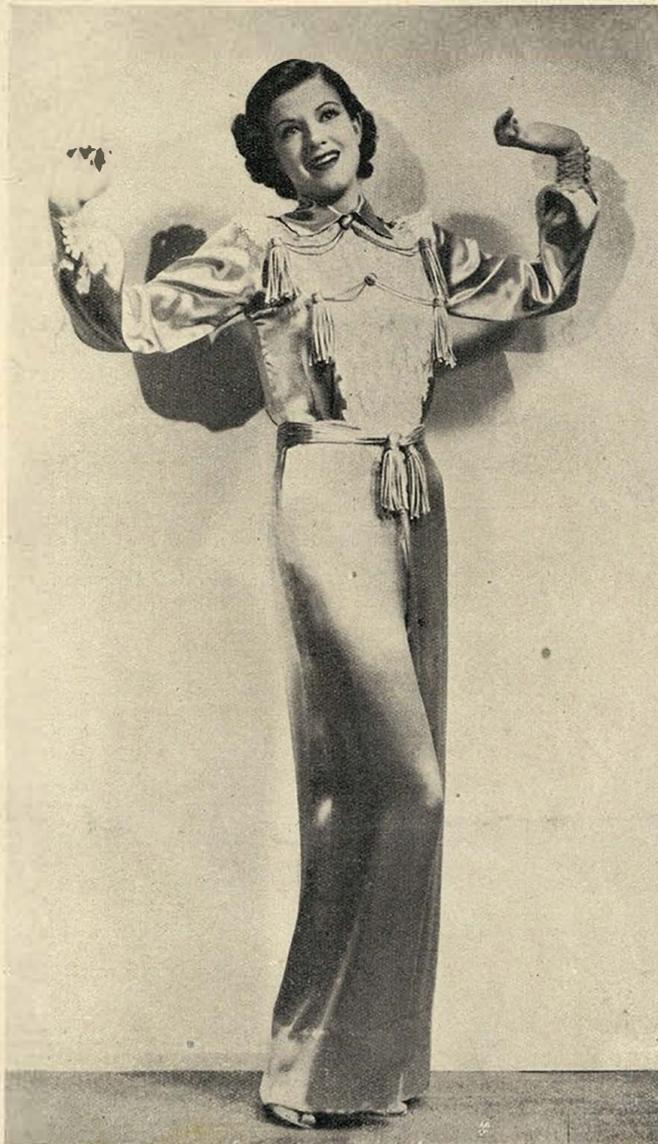
Estou agora a lembrar-me de uma senhora que me falou de uma peça de teatro em que um dos actos tinha por cenário uma cozinha. E dizia-me ela, toda entusiasmada: — aquilo está tão bem feito que até se vê sair o fumo das panelas!

E um amigo meu afirmou-me, um dia, conviço: — antes quero vêr uma corista da Maria Vitória que um friso das melhores «girls» de Hollywood...

Perante esta necessidade do «vêr para crêr», ou melhor, de palpação com a vista pode-se colocar a questão num plano em que uma dissertação artística, por mais simples que seja, tenha cabimento? Parece-me que não.

Enfim, que fiquem com a ideia de que a fotografia é natureza morta e o cinema um fantasma dessa mesma natureza, que nós, para nos vingar-mos, preguntamos aos nossos botões: — em que sistema geométrico lerá cristalizar-se a sensibilidade artística dessa gente?

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES



Helen Wood, o gracioso artista do Fox, que vai agora ser elevada á categoria de oestrião

Sinois dos tempos

A maneira como determinado público aprecia certas películas, a forma errônea como as classifica, o estudo dos processos por que as vêem, daria um manancial inesgotável dos estudos psicológicos, — inesgotável pela variedade.

Sem desprimor para as plateias do Pôrto, cuja mentalidade, sentido crítico e grau de cultura, devem emparceirar com as do resto do país, temos de registar o calafrio que, por vezes, origina a apreciação que a grande maioria do público faz a muito boa obra cinematográfica que se projecta nos nossos cinemas.

Há, na verdade, aquelas excepções, honrosíssimas excepções, que sabendo vêr, compreender e apreciar os requintes estéticos de muitas produções, quasi nos compensava dos ateados que continuamente sofre o sentido espiritual da nossa emoção.

Mas, a verdade, a grande verdade, temos de reconhecer. A grande maioria da massa anónima do público não se cultiva, pelo menos através da acção da imprensa cinematográfica, não se identifica com o espirito moderno, desempoeirado, lavado, da sétima arte, não procura compreender, não tenta identificar-se com o ritmo, com a indole do cinema.

Carta do Porto

Daí o não saber traduzir os estados de alma de certos filmes e não compreender a sinfonia impressionante das imagens, através de tantas criações em que a beleza predomina vitoriosamente, em que há apoteoses frementes de emoção.

E os empresários que se esforçam, numa luta titânica, numa grande e continua preocupação, para dar aos frequentadores das suas casas os melhores espectáculos que correm mundo numa peregrinação que é um espalhar perene de arte, muitas vezes, vêem as suas casas vazias, enquanto no écran passam obras de mérito.

É a crítica fácil da senhora vizinha, a opinião insensata do amigo, a apreciação errônea da família que afastando o público de certas produções de reconhecidíssimo valor, atestam, confirmam, já não diremos a inferioridade mental de tão apreciadores, mas, a insuficiência da sua cultura cinegráfica.

Que um filme que agrada na América, por exemplo, não logre um êxito correspondente em Portugal, é perfeitamente compreensível, dada a latente diferença de sensibilidades, mas, que uma obra que reproduz um conflito humano, verdadeiro, só porque o realizador o soube elevar numa beleza rara de imagens, não é compreendido, é que não está certo, porque a alma humana é só uma e os seus conflitos são perfeitamente iguais em lódas as regiões do globo.

Mas, eu espero — porque sei confiar — que as plateias do Pôrto, num futuro próximo, saibam desenvolver a sua cultura cinematográfica, porque já muito se tem avançado, nestes últimos quinze anos.

O cinema puro

Desistiram há muito os alugadores e exibidores portugueses de apresentar obras que revelem cinema vanguardista ou cinema puro.

As razões, as grandes razões desta justificadíssima resolução poderá levar o observador pouco minucioso a supor que vivemos numa terra absolutamente bola-de-elástico.

O público, a grande massa, não compreende, não procura interpretar o cinema puro ou vanguardista. Os motivos, é supérfluo enumerar.

Mas, as elites, onde estão as camadas que da arte, da vida, têm uma noção nova, desemoierada?

Porque este público que mesmo aqui, no Pôrto, forma uma numerosa legião, costuma não corresponder às poucas iniciativas que tendem a oferecer-nos espectáculos novos, não têm sabido animar o espirito moderno de certos realizadores e empresários, é que damos todos uma fraca impressão da nossa mentalidade.

Que não queiramos impôr, desabridamente, a nossa maneira de pensar, é justo e inteligente, mas, ao menos saibamos acorrer ao encontro daqueles que pensam como nós, para demonstrarmos as nossas possibilidades de homens do nosso tempo.

A menos que tenhamos apenas um espirito moderno, de fora para dentro, e para uso muitíssimo privado.

De contrário podemos ter, de vez em quando, um pouco de cinema puro, para deleite dos verdadeiros, dos sinceros modernistas.

CARLOS MOREIRA



pronunciar-me sobre as cenas mais importantes — e não poucas vezes têm sido aceites as minhas sugestões.

* * *

Depois de me anunciarem que vou fazer um filme, passo ao escritório do chefe de produção. Contam-me o argumento, dão-me um resumo para eu ler e pedem-me a opinião.

Posto isto, vou ter com Adrian, o maior técnico de costura, para que desenhem os meus fatos. Adrian não é apenas um desenhador excepcionalmente inteligente, mas um criador profundamente original: o seu trabalho é, para ele, uma obra de arte. É claro, a maior parte dos vestidos que ele cria nunca os poderia usar na vida real, mas resultam à maravilha na tela e adaptam-se perfeitamente ao carácter das personagens, que encarno.

Uma vez terminados, os desenhos são controlados pelo supervisor, realizador e autor do filme.

* * *

Início, então, a primeira etapa da realização do filme: compareço na reunião geral da «equipe», que agrupa todos os técnicos e artistas que intervêm na nova produção. Nessa reunião, tro-

camos impressões sobre a indole das personagens e características das diversas cenas.

Nessa altura, já sei de cor o argumento, porque o li, já, mais de vinte vezes.

Feito isto, passo ao atelier de costura, para provar os vestidos desenhados por Adrian, nas «maquettes» feitas em «gazes» ou «mouselines». Vê-se, assim, como caem e como armam! Depois torno a prová-los, mas desta vez talhados já no tecido definitivo. Finalmente, após uma terceira prova, tenho que vestir os fatos um por um, para o Estado Maior do filme dizer de sua justiça.

* * *

Os dois dias que se seguem são empregados na tiragem de fotos para a publicidade.

Pensem nisto, de vez em quando, quando invejarem a existência doirada das vedetas. Não calculam o que é o suplício dos dois dias no fotógrafo, as «loillettes» que temos que fazer e desfazer, e as horas de fadiga, durante as quais é preciso manter o ar sorridente, mostrarmos-nos bonitas e radiantes com a vida.

Após numerosos preparativos, lançamo-nos de verdade ao trabalho. Tenho que me levantar da cama às 6 e um quarto da manhã, para tomar um duche, vestir-me rapidamente e comer qualquer coisa; às sete e meia, estou no camarim a caracterizar-me. Engulo outra chávena de café e às nove estou a postos.

* * *

No «set» começo por ensaiar os diversos planos que a câmara vai registar, da parte da manhã. Marcam-se as cenas e afinam-se as luzes. Finalmente, procede-se a um novo ensaio com o realizador, operador e artistas. Isto arrasta-se por algumas horas. Finalmente, filma-se várias vezes, até que resulte o mais satisfatoriamente possível.

Àmeio-dia, lancha-se; na realidade trata-se do almoço, mas comemos tão pouco que não podemos dar a essa refeição tal nome.

As vezes, nessa hora de intervalo, tenho visitas. O tempo passa a correr. E tenho que me tornar a caracterizar e voltar ao «set».

(Conclui na pág. 14)

Quando o filme

O que fazem as vedetas num dia de trabalho! Como passam as horas, esgotantes, nos estúdios? Ouçamos o depoimento de Jean Harlow, a célebre e dis-cuidada Tentação Loira:

COMECEMOS pelo princípio... Logo que o argumento do filme é dado por concluído convocam-me no estúdio e declaram-me que devo interpretar um novo filme. Não tenho que me pronunciar sobre os papéis que me distribuem. Não é comigo. Tal facto compete aos realizadores, que escolhem aqueles que, na sua opinião, melhor se ajustam à minha personalidade. E devo-lhes confessar que não tenho grande razão de queixa.

Certos artistas, na realidade, têm autoridade para discutir o argumento dos seus filmes. Mas são raros. E ainda bem que não pertengo a esse número restrito, porque não calculam que difícil é julgar um papel ou um filme, por aquilo que dele se depreende, ao ler a planificação.

A escolha do papel que convém a uma artista, quando é ela própria a escolher, tem sido a causa da ruína de muitas carreiras. Às vezes, discuto com o produtor. Mas sei guardar as distâncias e, se o faço, é porque prezo muito o meu nome e o prestígio e o agrado dos meus filmes!

Como todas as vedetas da tela, tenho direito a dizer o que penso da figura que terei de encarnar. Além disso, devo



De Jean Harlow



GARY

manhã, quando a terra acordou, mais viçosa que nunca, Montana tinha, pelo menos, mais um habitante — o recém-nascido Frank, hoje mais conhecido por Gary Cooper.

COMO SE FAZ UM HOMEM CÉLEBRE

Criado no rancho de seu pai, numa vida livre e sadia, doído pelo gado e pelas flores da montanha, bem cedo ganhou paixão pela aventura. Passava os dias a cavalo. Tudo, na sua vida, corria às mil maravilhas quando um dia, por conveniências de família, Gary foi deportado para Inglaterra, onde se matriculou no «Colégio de Dunedale».

A tardinha, na cêrea, depois das aulas, reunia a sua «seita» e, apaixonadamente, contava histórias de «cow-boys» destemidos e de índios com mais penas na cabeça que a cauda dos pavões do director e também mais bonitas, segundo dizia.

Os laços eram prodigiosos de certeza e velocidade. E a «seita» criava adeptos...

Certa vez o director ausentou-se, coisa que raramente acontecia. Nem um aluno ficou no dormitório, porque Gary, morlo de saudades, quis recordar na cêrea, os bons tempos do rancho...

O perfeito dormia como um justo e na quinta, começavam os ânimos a aquecer, quando a sineta da entrada se manifestou com violentas badaladas. O director regressava e, estremunhado, o perfeito apareceu à porta, tapando a entrada para o dormitório, no primeiro andar. Não importa: Gary tem um laço brilhante e pela corda acima tudo se salva.

Trinta segundos depois dormia-se ali a sono solto. Gary era o rapaz mais célebre do mundo para os colegas de Dunedale.

O pior foram as caudas dos pavões do director, desaparecidas milagrosamente...

GARY E O NUMERO 13

Decorrido mais um ano, foi o nosso homem dado por indesejável no colégio

inglês, que deixou sem muitas saudades, para voltar à sua terra e ao seu colégio.

Uf! Ao menos aqui podia-se falar ao professor em mangas de camisa.

Passadas as primeiras férias naquela liberdade selvaticamente pura do rancho paterno, na vegetação arrebatadora dos contrafortes, Gary tinha então 13 anos, regressava de automóvel, com vários colegas ao colégio de Helena. Dois cavalos espantados pela estrada fora, obrigaram o carro a uma manobra perigosa, seguida de queda por uma ribanceira não muito grande — só 13 metros de altura.

Gary passa ao país dos sonhos e acorda no hospital, cama n.º 13, com uma perna partida.

O pai decide mandá-lo de novo para o rancho, a fim de se restabelecer e voltar.

Mas Gary não volta. Aquilo é uma maravilha e o velho índio Ashburton ensina-lhe a fazer prodígios com cordas e cavalos.

Os anos passaram e, sinceramente achou-se capaz de tentar qualquer coisa na vida.

CINCO DOLARES E UMA SOVA

Resolve negociar propriedades, passa a caixeiro de praça e depois a contratador, etc., etc., mas só consegue como resultado frisante, não arranjar dinheiro suficiente para pagar o quarto.

Um dia, perto de Hollywood, assalta-o uma ideia milagrosa.

— Vou ser figurante...

E foi. O director encarregado do recrutamento pergunta-lhe com ar superior.

— Que sabe o sr. fazer?

Gary então uma prece ao velho Ashburton, puxa da corda, faz as mais inconcebíveis filigranas, pula, salta, senta-se, levanta-se e quando acaba tem o contrato na sua frente: figurante de primeira classe no «set» de Tom Mix, ordenado de cinco dólares.

— A vida é bela, pensa ele.

Nessa tarde apanhou uma tremendíssima sova — era do papel — e só quatro dias depois foi receber o ordenado. Ficará os outros na cama em molho de vinagre...



COOPER



PAIXÃO NUMERO UM

Ansiosamente esperou segundo papel. Esperou e desesperou — porém, num dia de chuva que milagrosamente o reteve em casa, uma telefonadela abria-lhe as portas da celebridade.

— É urgente vir, dizia o director. Já telefonei a vinte actores e todos tinham saído.

Foi e convenceu em absoluto. Filmada a «Conquista de Bárbara Worth» ao lado de Ronald Colman e Wilma Banky, a Paramount contratou-o para uma série de filmes em que se afirmou cada vez mais. «Asas», «Nevada», «Ao Serviço da Lei», e finalmente os «Filhos do Divórcio».

Nesta altura a carreira esteve quase perdida. A insistência dos directores em o colocar ao lado de Clara Bow, teve os seus resultados. Passados alguns meses Gary atingiu um tal estado de nervosismo doentio que a sua via perigava. Não se conseguia dominar, saíam-lhe diálogos errados, respondia bruscamente aos directores e, certo dia nos braços de Clara Bow, a filmar, desmaiou. Foi um caso sério. O médico achou-o bastante fraco, proibiu-o de trabalhar durante dois meses e impediu Clara Bow de o visitar. Passadas três semanas estava bom. Todavia nunca mais quis ouvir falar de Clara. Livra... o caso estivera bastante escuro.

SEGUNDA, TERCEIRA E QUARTA

A medida que progredia, e conquista em conquista, na arte, Gary, parece que lhe inclava o coração, de conquista em conquista, no amor.

(Conclui na pag. 12)

E A SUA CARREIRA PRODIGIOSA

SE não fosse actor de cinema, Gary Cooper, pela história da sua vida, parecia mesmo que o era. Sem dúvida, ninguém tem mais aventuras que contar, nesse mundo de fábula, onde atingiu um lugar de primeiro plano.

MONS PARTURIENS...

Junto aos contrafortes das montanhas Rochosas existe uma cidade deliciosamente alegre, viçosa e bonita: Helena. Tudo ao derredor respira amor, misturado no ar selvagem e no azul puro do céu alto, constituindo o que nós, geralmente designamos por «um paraíso terreal».

Como conseqüência de tais qualidades apareceu um dia, no estado de Montana, onde pertence a nossa cidade, um casal apaixonadíssimo: o Sr. e Sr.ª Cooper.

Mas nada de ciúmes, leitora. O Cooper, em questão, não passava do respeitável papá de Gary.

Era juiz e, instalado com a espósa, naquele recanto diabolicamente lindo da terra americana, onde comprou propriedades, como o ar favorecia os poetas, alguns meses depois grande acontecimento se deu na casa do sr. Cooper...

Era mesmo na força do inverno, durante uma das raras mas fortes trovoadas da região. Caía água a cântaros e, de quando em quando, para animar a festa, ribombava o trovão. Câ nos recém-cavos da montanha havia urros tremendos e as nascentes do Missouri, perto da cidade, referviam.

Toda a noite, esteve acesa a luz em casa do juiz Cooper e, ao romper da

O ELOGIO DO BIGODE

UM ARTIGO DE MAURICE CHEVALIER

meu bigode!

Parece que, de facto, muita gente não toma a sério o meu bigode! E, no entanto, creiam, é um atributo indispensável a um bom conquistador, dá-nos um ar «smart» e «distinguído»...

Tomei-lhe amor, desde que o usei em *Folies Bergère*. Sinto-me mais novo, rejuvenescido e parece-me, quando me vejo ao espelho, que evolucionei.

* * *

Evolucionar é sempre agradável, excepto quando a mesma evolução se dá dentro da escala ascendente do pior. No caso físico a que me refiro, das piores evoluções ainda é envelhecer.

Se é desagradável vêr, um a um, surgir os cabelos brancos, e, um a um, também vê-los desaparecer, não dá prazer a ninguém — por mim o julgo — vêr lodos os dias ao espelho a mesma cara de sempre. Desde os meus vinte anos, conheço-me com a mesma cara... Um pouco deslavada, heiço caído e olhos piscos... Acham o panorama sedutor? Por mim, não. E, por isso, a descoberta do bigode me encheu de alegria.

* * *

Detestei *Folies Bergères*, como filme. É do domínio público! Tanto assim que virei as costas à América, um pouco bruscamente. Mas adorei o meu papel de «Barão de Cassini». Estou farto de ser «gavroches», «parigot» e «apache». Estou cansado das fardas reluzentes e das condecorações espalhafatosas. *Folies Bergère* teria sido para mim um suplicio — se não fosse o meu bigode!

* * *

As mulheres não gostaram do meu bigode! E, no entanto, tem muita personalidade. É um bigode, pessoal e intransmissível — como os bilhetes de identidade. E, paradoxalmente, acham que é ele, justamente, que me não identifica.

Se eu tivesse copiado, qualquer modelo «standard» está bem. Mas não! Reparem que se não parece com o caricatural de Charlot, com o petulante de Douglas, ou com o de Clark Gable, tipo de bigode com «sex-appeals»... É um bigode «sui generis» — pois com franqueza não me ficava bem plagiar os outros.

E se soubessem o que passei, para o deixar crescer...

* * *

O bigode tem várias vantagens, no meu caso. Em primeiro lugar atenua o

desnível de plano, existente entre o lábio superior e inferior. Em segundo lugar desnor-teia os caricaturistas. Com efeito não havia desenhador barato, que não fosse capaz de me retratar com dois traços. Agora, têm que fazer novos estudos! Fia mais fino! e acreditem que esta partidinha me enche de alegria.

* * *

Um actor com bigode tem muito mais

facilidade de expressão. Quere traduzir a meditação? Assenta o bigode com o pote-gar e o indicador, distraidamente! Quere exteriorizar o despcito? Morde-o com fúria.

Como vêem é indispensável!

* * *

Todos os grandes amorosos doutros tempos usavam bigode. Paulo, amante de Virginia; Wherter, Abeillard, etc. etc.



Uma das primeiras fotos de «The Beloved Vagabond», o novo filme de Chevalier, que se publicam nas revistas de todo o mundo

Sou tradicionalista, também! Prezo muito os meus pergaminhos de conquistador. Eis mais um argumento para apresentar aos meus detractores.

* * *

No filme que estou realizando, actualmente, também apareço «de bigode». A certa altura, volto à primitiva; isto é: aquela cara «standard», que os produtores me inventaram. Mas exige o bigode — porque entendo que nêle está o futuro da minha carreira.

Quando fôr velho e já não puder desempenhar papéis de galã — é natural — espero — que não precise de trabalhar, pois até lá terei amealhado o suficiente, para uma reforma bem ganha...

Mas se assim não suceder, se não evolucionar, dirão: «O Chevalier? Está pronto! Ele não sabe fazer mais nada!...». O meu bigode veio demonstrar isto: sou capaz de me tornar, se as circunstâncias a isso me obrigarem, num artista de composição.

Amanhã poderei ser o «papá» duma menina, um «hombeiro caricato» ou o «criado de suissas», que vem dizer: «Mãe, a senhora, o jantar está na mesa!».

* * *

Há quem diga que tenho cara de garoto, que o meu sorriso é amalandrado! Alô lá! Já me não agradam essas reputações, que às vezes me podem prejudicar. Quero ser de futuro um homenzinho — e que os outros digam: «O Chevalier?! Está um homenzinho! Já usa bigode...».

* * *

O bigode, dizia alguém, é a tarja de luto dum sorriso. Não vejo as coisas tão negras! Quanto a mim, tem sobre ele o efeito do «haton» negro, nos olhos duma mulher: aviva-o, dá-lhe um brilho e um fulgor especial.

* * *

O meu bigode não é um capricho, ou um atributo para presumir. É, sim, uma exigência de ordem física, moral e social.

Friso isto, porque não quero que pensem como certa loiraça da Cinelândia, que fulminei com o meu desprêso, e que andou a dizer a lóda a gente que eu o tinha deixado crescer, «só para vêr se eu tinha a sorte que o Clark Gable tem com as mulheres!»

MAURICE CHEVALIER

(Exclusivo para *Cine-Jornal*. Copi-ghil by Cine Press).



IRENE DUNNE

apaixona-se pelos seus *leading-man*, a partir da realização dum filme. Os homens, é claro, ficam pelo beicinho, e transigem sob todos os aspectos. Não há rivalidades, nos filmes de Irene Dunn. Nem pode haver. Não há homem que queira roubar uma cena à sua parceira, quando na realidade está perdidamente apaixonado por ela.

«Para que serve o *sex-appeal* — se não lançarmos mão dele, quando nos for útil?», costuma ela dizer.

quista» os seus parceiros, um por um conforme os filmes. Todos nós sabemos isso — e todos nós desistimos de lutar contra o destino. Durante a realização do filme, Irene não vê mais ninguém senão o seu parceiro. Depois, logo que o filme está concluído despede-nos, e repete com o outro o «cit-motiv» de sempre».

A SÉRIA... DE FOGO

Irene Dunn, dentro do estúdio, é uma



mulher para diabolica

SUPUNHAM que Irene Dunn era, como na tela, a mais doce e a mais simples das mulheres? Pois enganam-se redondamente! Irene Dunn é, fora de dúvida, a mulher mais diabólica de Hollywood. Sobre o seu passado tem-se feito um silêncio prudente. Evoluemo-lo, rapidamente.

O DIABO COM ASAS DE ANJO...

Entramos no escritório dum chefe de publicidade. Está preocupado. Tem que resolver um problema importante. É preciso lançar uma vedela. Com que «rótulo»? Como despertar o interesse do público pela sua pessoa? O chefe de publicidade reflecte. Trinca o seu charuto (um bom chefe de publicidade tem que estar em mangas de camisa e a fumar charuto) e por fim exclama: «Precisamos duma mulher digna, perfeita, que seja uma «lady», na tela! Uma mulher que as mães possam apontar às suas filhas como um modelo. O público está farto de «vamps» e de «sex-appeals». As mulheres fatais já não o interessam. Quere, agora, mulheres de porte exemplar».

Explicaram tudo isto a Irene Dunn. Devia manter-se ao abrigo de qualquer escândalo, e guardar segredo absoluto do seu casamento com o dr. Griffin. Mais tarde, descobri-se a verdade e Irene Dunn seria apresentada como uma fada do lar, como a pomba da paz, vivendo em perfeita harmonia com seu marido, um homem inteligente e capaz

de compreender as aspirações legítimas de sua mulher. Era preciso que não frequentasse as reuniões mundanas de Hollywood. Tinha que viver à parte, tão isolada quanto possível — criar uma lenda como Greta Garbo.

Nunca podia aparecer acompanhada pelos homens. Tinha que ser um prodígio de dissimulação, para ser um testemunho vivo de lódas as virtudes tradicionais da mulher.

Irene pensou muito no caso! Era do Sul! Tinha uma reputação tremenda, que a envaidecia. Era o terror das mulheres casadas, porque lhes roubava todos os maridos. Era o tipo perfeito da «conquistadora»... Sabia usar de lódas as artes e encantos da sedução — e as vítimas contavam-se às dezenas.

Irene pensou — e aceitou a proposta feita. Daí em diante, seria uma senhora!

«DONA JUANA...»

Desde então, viram-na sempre com um livro debaixo do braço. Quando tinha um instante de repouso, mergulhava nêle, decididamente. Uma senhora, deve ter o gosto de ler. Mas o que lia ela? Um tratado filosófico sobre o «self-control». E ela hem precisava, coitada. Impetuosa, ardente, ansiosa pelos prazeres mundanos, por lódas as loucuras subsequentes, tinha, na realidade, que fazer esforços sobrehumanos, para se dominar.

Irene Dunn, caso virgem em Hollywood, nunca teve questões com os seus parceiros. O seu segredo é simples:

Richard Dix, que foi seu parceiro no *Bandoleiro do Amor*, declarou:

«Quando mimamos com Irene Dunn uma cena de amor é impossível distinguir se estamos a representar ou se a vivemos de facto. Irene Dunn «con-

seria, que encanta e que perturba. E a atestar o facto, conta-se uma história curiosa.

Um marinheiro americano, o sar-

(Conclui na pág. 14)

CARTA DE BERLIM

CELITA BASTOS

(Conclusão da pag. 5)

Arte, por vezes, cai em exageros; estão neste caso os génios do mal da literatura.

Depois a conversa perde o seu rumo inicial e falamos sobre cinema dum forma muito geral. A propósito de qualquer coisa falamos em Greta Garbo e Celita tem esta frase:

— Greta Garbo é um mito, tinha per-

VAMOS AO NICOLA?

Acabamos a entrevista aqui, pois resolvemos ir todos mostrar o café Nicola à Celita. Assim foi. Ela precisa integrar-se no meio *bocageano* e eu de forma alguma lhe queria perguntar quais eram os escritores portugueses que mais admira, pois o leitor ficava convencido



A bordo: Celita Bastos, Alvaro Lima e o nosso redactor Telmo Feigueiros

As escalas com que os historiadores medem o valor das obras literárias são de gradações tão diversas que não admira verificar-se a ausência do nome de Paul Keller, na maioria dos compêndios sobre literatura dos tempos modernos, a não ser em qualquer suplemento ou numa breve citação. Hoje, porém, é sabido que todo e qualquer labor artístico dimana das fontes da natureza e do povo de uma nação. O próprio Bismarck exprimiu-se acerca desta comunhão íntima entre a Arte e o Povo, dizendo que «tanto a História, como a Literatura e a Arte na Alemanha, provam que os alemães nunca deixam de ser alemães». Pelas mesmas razões, os alemães de hoje em dia acanharam por compreender esse escritor tão alemão que é Paul Keller, cujas novelas exprimem, com uma helezia incomparável, as paisagens idílicas e os homens da sua terra, que acaba por cativar os leitores.

Se a história a literatura se recusou a citar o nome Paul Keller, nem por isso deixa de ser verdade que as suas obras atingiram edições fantásticas, total de mais de dois milhões de exemplares, número este que prova, a-pesar-da má vontade dos historiadores, quanto este autor é apreciado entre o povo, que vai encontrar nas suas obras um verdadeiro lenitivo para as suas horas de angústia.

As transformações que se têm operado no mundo da crítica moderna, colocaram também o cinema em face de novos objetivos artísticos e levaram-no a voltar-se para o povo e para a terra Mãe. É por isso que uma firma produtora teve um momento de feliz inspiração ao escolher para um dos seus filmes o romance *Ferien vom Ich* (Alma em férias), de Paul Keller, que obteve um verdadeiro êxito, não só na Alemanha como até em vários outros países. É que o público sentiu-se bem com a franca alegria e o espírito humorístico do escritor, que justamente nesta sua obra soube utilizar-se da sua paleta de tintas vivas e alegres, com que ele pinta magistralmente os caracteres e o policromo ambiente em que viveu.

O êxito obtido por esse filme induziu a Ufa a manivelar outro romance deste mestre dos optimistas. Essa novela é *Waldwinter*, a obra de Paul Keller que teve maior número de edições e que ocupa um lugar de primazia na biblioteca de muitos alemães. Em primeiro lugar, são estes admiradores de Paul Keller que melhor compreenderão o seu filme; e outros terão ocasião e conhecer e apreciar o estilo descritivo desse escritor, tanto mais que precisamente o cinema, com a sua mobilidade e inúmeras possibilidades, dá a toda a obra literária a visão artística, com que o público apercebe o valor intrínseco do enredo.

Berlim, Fevereiro de 1936.

M. B. SANTOS E SILVA

sonalidade mas parece-me que exagerou de mais essa personalidade e tornou-se imaterial.

Mas eu recomencei:

— O que pensa do cinema em Portugal?

— O cinema em Portugal já é um facto e desde que comecem a colaborar com o Brasil pode progredir rapidamente. A orientação que tomou H. da Costa, associando-se à Vila-Filmes e a colaboração de artistas brasileiros no *Trevo* e no *Bocage* são quasi uma certeza de que vamos entrar numa nova fase de produção.

— E o cinema brasileiro? Quais os melhores filmes?

— A *Favela dos meus amores* é para mim, dos últimos filmes, o melhor. Foi realizado por Humberto Mauro e a protagonista é Carmen Santos. No entanto *Até, Até Brasil*, *Noites Cariocas*, *Estudantes* e *Cabocla Bonita* são filmes muito e muito razoáveis e alegres.

que tinha ido copiar a entrevista ao *Diário Português*.

ANTONIO SILVA

No caminho participaram-me que António Silva também entra no filme. Vai desempenhar um esbirro do Santo Ofício.

Pelas suas criações na *Canção de Lisboa* e nas *Pupilas* podemos calcular o seu próximo trabalho. Foi uma escolha felicíssima.

A *Perpétua* que Leitão de Barros descobriu na *Maria do Mar* e nos apresenta de novo a fazer a beata das *Pupilas do senhor Reitor* colabora igualmente no *Bocage*.

E eu, francamente, depois de tudo isto, resolvi vir escrever o artigo, pois já tinha assunto de mais e espaço de menos.

TELMO FELGUEIRAS

A morte do Rei Jorge V

Os cinemas e teatros de Londres logo que tiveram conhecimento da morte do Rei Jorge encerraram as suas portas, dispostos a só as reabrir depois do enlêrro do soberano. Foi S. M. Eduardo VIII quem instou para que essa resolução não fosse por diante, e, assim, as salas abriram dois dias depois, mas com programas especiais.

Em Paris o Governo decretou que em todos os Teatros subvencionados se observassem dois minutos de silêncio. Os outros todos e os cinemas seguiram-lhe o exemplo. O Cinema «Eduardo VII» interrompeu em tôdas as sessões, por três vezes, o filme *Peter Ibbelton* e

após alguns segundos fazia ouvir o disco do hino inglês.

Numa sala de Paris, onde se representa uma peça soviética e onde o público, na sua maioria, é composto por comunistas, todos os espectadores se levantaram espontaneamente «para saudar a memória dum grande Rei» — para nos servirmos da frase do próprio *speaker*.

As casas editoras de filmes de actualidades trabalharam de dia e noite para atender todos os pedidos que lhes chegavam de toda a parte do mundo. Quasi tôdas fizeram edições especiais.

GARY COOPER

e a sua carreira prodigiosa

(Conclusão da pag. 9)

— «O que é bom é para se dar, dizia ele.

É dai em diante cada filme, cada paixão. Sem a dúvida, a maior desta série foi a de Evelyn Brent, uma beleza cândida e triste, sua parceira em «Le Spahi». E até natural que se a vida os não separasse, Gary ficasse por ali, mas perante o destino, tristezas não pagam dívidas e, visto isso, procurou esquecer com Fay Wray então a seu lado em «Pilotos da Morle» e «O Barco dos Nossos Sonhos».

Talvez pelo facto de neste último, ser mais uma vez aviador, levantou vôo para a quarta paixão, Nancy Carroll.

Os directores começaram a não gostar de tal abundância. Victor Fleming foi quem lhe valeu:

— É para melhor viver os papéis, explicava.

E, admirado da maneira como Gary os vivia, escolheu-o para uma produção sua. Desta vez, foi a quinla...

A FUTURA MULHER DE TARZAN...

Chamava-se o «Canto do Lôbo» o filme de Victor Fleming, interpretado por Gary. Realmente para este foi um novo canto... de amor. Por quem? Por um lôbo não seria, mas pelo menos, por autêntico demónio — Lupe Velez.

E o nosso homem, enquanto se deixava prender no amor violentamente cáldo a deliciosa mexicana, entrava num período de trabalho intensíssimo.

Resultado: quando foi feita a distribuição de «Marrocos», estava de novo abatido, cheio de febre.

Por sorte teve um papel favorecido pelo seu estado, melancólico e queimado. Resultou maravilhoso o seu trabalho mas, uma vez acabado o filme, teve de abandonar a Lape, Hollywood e o cinema. Precisava de férias, de vida livre para recompôr a saúde — foi de longada até à África.

AFRICA CIVILIZADORA...

Todos disseram que Gary eslavava doído. De facto, procurou o Continente Negro para curar uma febre intestinal e uma profunda anemia. Parecia absurdo. — Se escapar ainda vem mais selvagem — diziam os elegantes.

Gary fôz escapou e voltou... mais civilizado que nunca — pela primeira vez jantou de «smoking», e comprou as primeiras luvras da sua vida. Também já aparecia com as calças vincadas o que até ali nunca acontecera...

Estava portentoso na elegância, mas interpretava e também em amores, porque ninguém lhe apontava a mais pequena aventura. Queimara o coração em África.

Filma «Serenata de Três», «Adeus às Armas», e outros filmes valiosos, cada vez mais senhor de si. Está em pleno triunfo.

A RAPARIGA QUE QUERIA FAZER CINEMA

Um dia, surge-lhe dentre um grupo de figurantes, uma rapariga encantadora, de olhos feiteiros, a pedir uma recomendaçãozinha.

— Queria fazer cinema. Parece-me que tenho possibilidades.

Gary leve a sensação de que ganhara um «milhão de dólares», quando a ouviu falar.

Arranjou tudo para que os directores a regeitassem e ela o aceitasse.

Dois meses depois, Sandra Shaw chamava-se Sandra Cooper...

Hollywood inteira caiu das nuvens e disse em côro: mais um actor que se perde.

Ele sorriu. Pouco tempo passado — a fim de pôr Hollywood no seu lugar, e calar as bôcas, apareceu aquele grande e prodigioso filme — «Os Lanceiros da Índia».

E as bôcas calaram-se, já se vê...

FERNANDO GARCIA

Os nossos Filmes

A FEIRA DE

CHORAS e lês a Bíblia! Pobre rapariga, julgas que para seres feliz te basta ser boa? Os homens gostam de mulheres ricas e alegres... Podes iludi-los com facilidade. Basta que saibas mentir com ternura, docemente. Mas não te apaixones por ninguém. Preferir outro a si própria, é uma fraqueza que nenhum homem te agradecerá. Estás convencida de que eles sabem distinguir um beijo enganoso, se é fôr hábil e ardente?



Se me vês aqui, nesta pobreza, com estas cartas enebadas, por única distração, é porque não segui os conselhos que te dou — porque quis conservar o amor de meu marido, e ver, ao mesmo tempo, a meus pés, todos os grandes do meu tempo. Amei meu marido, como se ama um amante. Raptou-me de casa de meus pais. Desposou-me se bem que o facto contasse a sua carreira de jóvém oficial. Não era mais do que uma rapariguinha sem fortuna, desdenhada pelas mulheres que invejavam a minha beleza, não obstante a modéstia do meu trajar — uma simples governante, que passava a vida, paredes meias com o quarto das criadas, a entreter os filhos dos patrões.

Quando Rawdon fez de mim sua mulher, jurei torná-lo igual aos grandes da Côte. Com o dinheiro que lhe restava, hospedámo-nos num dos mais modestos hotéis de Lon-

me agradava nada ouvi-lo gemer súplicas e promessas. Mas interessava-me ficiticiamente por elas — porque era rico e, jogando com ele, meu marido ganhava o que queria.

Certo dia, encontrei um homem impassível, de olhar duro e voluntarioso. Apreciava a ironia mordaz. Troçava dos pedantes que o rodeavam e só a mim tomava a sério. Quando dançávamos, nada me dizia.

Encontrei-o muito vez. Apreciava a sua filosofia amarga, a sua maldade espiritual, digna dum Voltaire.

Era riquíssimo, o marquês de Steyne. Presenteava-me régicamente e apresentou-me na Côte.

VAIDADES



dres e comprei todos aqueles vestidos ricos que sonhava para mim.

Dentro em breve, não houve nobre ou figura grada que não disputasse a honra de ser convidado às ceias que eu dava. Tenho pena que não tivesses visto as lindas mesas, cheias de cristais, com fruteiras onde luziam os melhores frutos e garrafas cheias do bom e capitoso vinho da França! Os criados serviam de casaca, num ambiente rico e confortável. Tinha quatro alazões na minha «écurie» e um trem luxuoso com as armas dos Rawdon, na porta.

Para tudo isto era preciso dinheiro, muito dinheiro. Os amigos de Rawdon disputavam-me, numa Côte lisonjeira e indiscreta. Eu brincava com esses fantoches, a meu bel prazer.

És virtuosa e tímida! Achas que eles perdiam dinheiro, dinheiro a ródos, nas partidas de cartas, com meu marido, se não tivessem a esperança de me possuir, mais dia menos dia? E julgas que eles me desejavam, se eu não fôsse rica e bonita? Pode ser-se atrevida e capitosa, sem sentir a admiração dos homens e as mulheres mordem-se de despeito? A mais linda das pastoras da Irlanda passaria despercebida em Londres, se, primeiro, não desse na vista pelo vestuário.

Sabia tudo isso, quando dançava com eles. O próprio marido de Amélia, a minha melhor amiga, perdeu a cabeça. É claro, não

Um baile na Côte. Centenas de velas, banhando numa tonalidade rósea e movente os uniformes rubros dos oficiais, os cabelos dourados das mulheres, que se moviam como as folhas no Outono. Adorava êsse luxo vão e insolente! A música punha-me a cabeça à roda. Fui a ruinha da festa. Nesse momento, senti-me feliz.

Um belo dia, tudo ruuiu, como um castelo de cartas. Um homem que me detestava obrigou meu marido a pagar uma letra de 400 libras. Era o fim.

Corri a casa de Steyne. Recebeu-me a sorrir no seu jardim. Nunca mais esquecerei êsse instante! Foi a minha dor.

Deixou cair sobre as rosas que tinha deposto no meu regaço, as quatro notas salvadoras. Olhou-me a sorrir, sempre. Mas li nas suas pupilas, nos lábios entreabertos, um desejo! Dir-se-ia uma fera esfomeada.

Tive que o receber em minha casa, durante a ausência de Rawdon! Ah! o que seriam os outros fantoches, comparados com êste Steyne, todo fogo, todo ardor!

Mas Rawdon, que adivinhara tudo, regressou inesperadamente...

Foi o fim. Abandonaram-me todos, como uma leprosa, logo que Rawdon se separou de mim.

Chorei aqui noites inteiras. Não de frio, ainda que as minhas mãos estivessem geladas. Mas porque nunca mais verei êsse homem, que tanto amei.

Hoje, não choro. O vinho fêz-me esquecer o passado.

E não gosto de o recordar.

N. P.



Pot e Potachon, os famosos cómicos europeus, que pareciam, há muito, têr deixado de trabalhar — tão arredados têm andado dos nossos telas — vão reaparecer em «Os Alegres Vogobundosa», o filme de E. W. Emo, que nos dizem ser uma comédia graciosíssima! Saudamos a aparição dos dois cómicos célebres, que, na verdade, não merecem ficar esquecidos.

Ecos e Notícias

A VIDA DE M.^{me} CURIE, NA TELA

A Warner Bros que, há pouco, transpôs para a tela, a vida de Pasteur, com os melhores resultados comerciais, vai, dentro em breve, realizar um filme, que nos evocará a vida de abnegação e sacrificio de Madame Curie, e a descoberta do radium.

O NOVO FILME DE ROULIEN

Raúl Roulien prepara-se para dirigir um filme com Conchita Montenegro e no qual aparecerá também como galã, coadjuvado por um grande número de outros artistas brasileiros.

É a primeira vez que veremos uma «estrêla» de Hollywood num filme brasileiro e Roulien promete muitas novidades. As filmagens serão feitas num dos pavilhões da Feira de Amostras, gentilmente cedido pelo Departamento de Turismo.

Como se sabe, Conchita Montenegro é hoje mulher do simpático artista brasileiro.

EDDIE CANTOR, BENFEITOR

Eddie Cantor acaba de justificar, mais uma vez, o titulo de «Benfeitor Público n.º 1», que no ano transacto, lhe atribuiu a Associação da Imprensa estrangeira de Nova-York.

Com effeito, o famoso artista aceitou o convite que lhe foi dirigido, para substituir Will Rogers, na grande Festa do Natal, que todos os anos se celebra no «Phoenix», em beneficio dos 8.000 orfãos e órfãos asilados nas instituições de caridade do Arizona.

A escolha de Eddie Cantor foi designada por uma votação estadual. E, no officio, em que lhe deu conhecimento do facto. B. B. Moeur, o governador, declarou que «todos os habitantes do Arizona tinham o maior desejo de o vêr à cabeça da lista dos artistas que podiam substituir o querido Will Rogers, e ajudar, com a sua presença, a vida de oito mil crianças».

STADIUM

A melhor revista da especialidade que se publica em Portugal

informa todas as quartas-feiras os seus numerosos leitores de todo o movimento desportivo do Pais

Tem 16 páginas cheias de ótimas e flagrantíssimas gravuras por 1 escudo

CINE - JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO

Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, L.da
Redacção e Administração: T. da Condesa do Rio, 27
Telefone 2 1368 e 2 1227

Comp., Impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), L.da
Trav. da Condesa do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano	48500
25 " 6 meses	24500
12 " 3 meses	12500
Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano	65800

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

E acrescentava: «a sua participação nesta festa ficará eternamente gravada na mente e no coração das crianças, como a nota culminante das festas do Natal de 1936».

Eddie Cantor, com a sua proverbial modestia respondeu: «Não há ninguém capaz de substituir Will Rogers. Considero uma honra figurar em seu lugar em tão simpática festa!».

Irene Dunne, mulher diabólica

Quando Filmo

por Jean Harlow

(Conclusão da pág. 7)

(Conclusão da pág. 11)

gento Leo H. Kalem, quando dum cruzeiro a Honolulu, tratou de fazer economias (o que nessas paragens não é fácil...) para poder ir a Hollywood e ver, com os seus próprios olhos, aquela que considerava a mais bela, a mais virginal, a mais elétra das vedetas da tela. Irene Dunn, quando soube da presença do seu admirador, convidou-o para ir a sua casa. No dia seguinte, o bom sargento Kalem já não tinha ilusões... E disse apenas: «Pior do que todas as outras! Antes a não tivesse conhecido».

Irene Dunn sofre doidamente com o puritanismo a que a obrigam. E, por isso, assim que pode, foge para Nova-York, protegida pelo anonimato, e goza a vida então a seu bel-prazer. O doutor Griffin é tolerante e perdoa-lhe os pequenos desvarios que comete...

«Em Nova-York posso enfim viver a vida! Ninguém se importa com a minha pessoa, nem pretendem que eu seja uma freira... Não tenho empenho nenhum em que me canonizem. Na tela, como na vida real, quero ser uma rapariga, um pouco impulsiva, mas que vive coanste o seu temperamento e o seu feitiço».

E no entanto, em *Roberta* e *O Bando do Amor*, Irene Dunn teve que calcar a sua personalidade em proveito da sonhada, para ela, pelos realizadores dos seus filmes.

Mais uma vítima dos chefes de publicidade, que «fabricam» vedetas, segundo os figurinos que lhes convêm.

R. F.

As seis menos um quarto, o trabalho, normalmente, finda. Projectam-se as cenas da véspera. Mas não saio do estúdio antes das sete e meia, porque levo vinte minutos a tirar da cara os ingredientes da caracterização e consagro meia hora aos cuidados do meu cabeleireiro, que me refaz a «miscellaneous».

Só então posso voltar a casa, tomar banho, fazer algumas maçagens e jantar frugalmente: uma sopa, um prato de legumes, queijo fresco e, só de longe em longe, uma costeleta de carneiro... É preciso manter a linha — e todos os cuidados são poucos.

Nessa altura só me apetece uma coisa: a minha rica cama. E mergulho nela às 10 da noite até às 6 da manhã do dia seguinte.

Querem trocar comigo?...

JEAN HARLOW



ONDULAÇÃO PERMANENTE
sem fios e sem electricidade.
Processos modernos de muito maior comodidade. Técnicos especializados.

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA

Avenida da Liberdade, 35 — Tel. 21866

LISBOA

NOVO SEGREDO em matéria de PÓ DE ARROZ

Dá um «Aspecto Mate» à Pele Mais Gordurosa



Conserve-se 5 vezes mais

Esta nova descoberta dar-lhe-á frescura e o encanto da adolescência aos quais nenhum homem resiste. Eliminado, completamente, qualquer vestígio de luzidio durante o dia inteiro e faça o que fizer.

Este segredo consiste num novo processo patenteado para o Pó Tokalon e graças ao qual a «mousse de crème» está misturada com o pó mais fino, passado a três peneiras de seda. É por isso que o Pó Tokalon se conserva cinco vezes mais tempo que todos os outros pós. Mesmo depois duma comprida noite de dança, numa sala de atmosfera quente, o seu rosto encontra-se tão fresco e encantador como no princípio.

A «mousse de crème» contida no Pó Tokalon impede-o de secar as se secreções oleosas naturais da pele, como o fazem os pós ordinários que tornam a epiderme rugosa e grosseira.

Se deseja um rosto maravilhoso e fas-

cinador, que faça a admiração e a inveja de todas as suas amigas, compre, hoje mesmo, uma caixa de Pó Tokalon. Veja, em si mesma, como é diferente totalmente de todos os outros pós, porque a «mousse de creme» é o segredo exclusivo de Tokalon.

O Pó Tokalon encontra-se à venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon — 88, Rua da Assumpção, Lisboa — que atende sem detur-

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 17—10 DE FEVEREIRO DE 1936 — SAI TODAS AS SEGUNDA-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



REVEMENTE!
o programa da grande
semana de festas
CINE-JORNAL
Surpresas!
muitas surpresas!

CINE-JORNAL É A MELHOR REVISTA DE CINEMA, QUE SE PUBLICA EM PORTUGAL